

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. . 5090

N.º 5 — VOL. II.

Sabbado 30 de Janeiro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Chandernagor — O padre Matheus, religioso irlandez, pregador da temperança — Ilha Mauricia — A casa sobre a collina — San-Severino — Fontaineblau — Tristeza e desalento — A tarde, entre a murta, continuação — Caçada aos elephantes — Um episodio da guerra d'Alger — Obituario.

GRAVURAS: — Chandernagor — San-Severino — Ilha Mauricia — Fontainebleau — Caçada aos elephantes — Ira

## Historia da actualidade.

A nova bolsa de Genova vae ser ornada com uma estatua de Christovão Colombo. Em honra d'este heroe da navegação, só havia n'aquella cidade, sua patria, um baixo relevo na fachada do palacio Faraggiana, e um busto na casa de campo de Negro, em Aquasola.

As ultimas noticias da Asia Menor, que alcançam a 6 de Janeiro, davam tremores de terra em Brousse, tão repetidos, que já duravam havia quinze dias.

Na Asia caiu no fim do anno tanta quantidade de gelo, como não ha memoria em epocas modernas. Junto a Mersina, na noite de 19 para 20 de Dezembro foi tão horrorosa a tormenta, que sepultou o convento grego de Aiaka, e com muito custo se conseguiu abrir por entre a neve uma galeria subterranea para salvar cinco religiosos que ali habitavam.

— Lê-se no Jor-

nal de Roma, que o principe Maximo casa com a joven princeza Thereza Doria, filha do principe Doria Pamphili, e que os condes de Trapani tinham chegado á capital do orbe christão.

— Descobriram-se a algumas milhas de Roma, na estrada para Napoles, e na propriedade do principe Barberini, novas catacumbas, e restos de basilica, onde além das inscrições se encontraram seis columnas de precioso marmore.

— Na proxima primavera vae a Russia começar grandes trabalhos para converter o lado norte de Sebastopole n'uma fortaleza de primeira ordem.

— Na Russia, em o anno de 1845, não comprehendendo a Finlandia e Polonia, publicavam-

se 136 periodicos. Este numero acha-se elevado hoje a 179. Desde o anno de 1845 a 1858, em S. Petersbourg, subiram de 56 a 82; em Moscow, de 10 a 15. D'estes 179 periodicos, são redigidos 132 em lingua russa; 3 em russo e alemão; 4 em russo e polaco; 1 em italiano; 4 em polaco; 1 em lithuano; e 2 em prussiano.

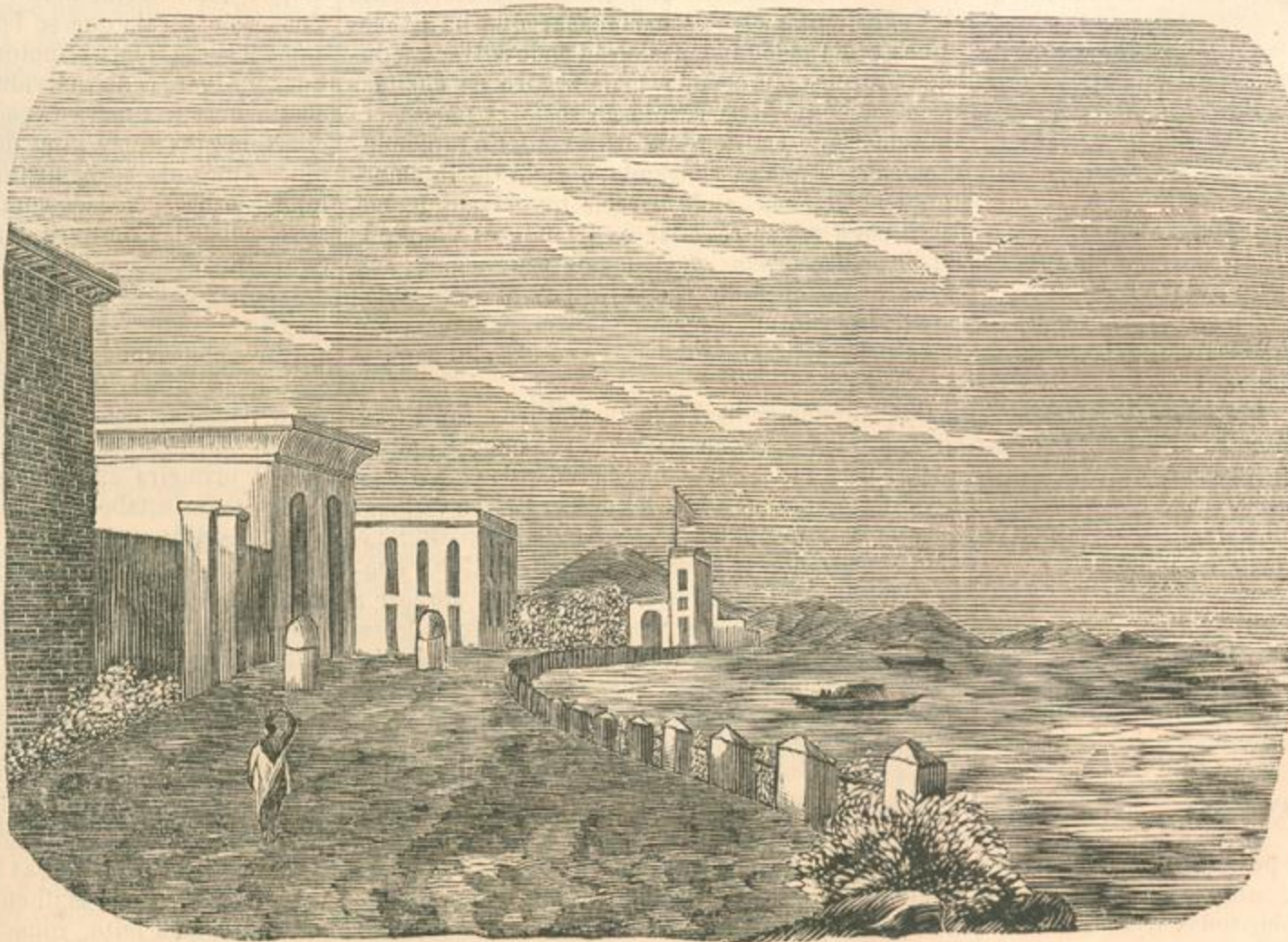
— Já se deu o primeiro passo para assentar uma linha telegraphica pela Siberia e possessões russas da America do norte. A companhia encarregada de assentar o cabo transatlantico recebeu ordem de estabelecer um telegrapho submarino entre aquelles dois pontos.

— O rei dos belgas, acompanhado dos seus dois filhos, o duque de Brabante e o conde de Flandres, já se poz a caminho para Londres, onde vae assistir ao casamento do principe da Prussia com a filha mais velha da rainha d'Inglaterra.

— Em 20 do corrente chegou a Inglaterra o principe da Prussia. Já se contam n'aquella cidade oitenta pessoas de notavel distincção, que vão assistir ao casamento dos augustos desposados.

— A corporação da Cite, e muitas outras da Inglaterra preparam demonstrações de sympathia para o imperador dos francezes, que tambem deve chegar a Londres.

— O fisco, em Paris, pediu licença á autoridade superior para examinar as saias crinolines das damas que entram diariamente pelas sessenta barreiras d'aquella cidade, cujo numero or-



Chandernagor.



ça de trinta a quarenta mil; pois pretende ter sido fraudado o estado em muitos milhões no anno de 1857, pelo contrabando que assim se tem introduzido de tabaco, polvora, cigarros, espirito de vinho, relógios estrangeiros, porcelanas, etc. Conseguida a licença caem por terra as crinolinas.

— O novo ministro da policia em Constantinopola, Mehemmed-pachá, organisou a sua administração tomando por modelo a de Paris. Creou para a vigilancia da cidade, que se dividiu em quatro grandes bairros, setecentos *zaptiés* ou agentes. As patrulhas rendem-se de hora em hora, e o ministro ronda-as em diversas horas da noite, para ver se as suas ordens se executam.

— Em Hespanha ha novo ministerio desde o dia 15 do corrente, composto do seguinte modo: — Isturiz, presidente do conselho, com a pasta dos estrangeiros; La Hos, na repartição das justias; Espeleta, na guerra; Ocana, na fazenda; Quesada, na marinha; Dias, no interior; Andino, nas obras publicas.

— Segundo um despacho official de Bombaim, a guarnição ingleza de Futtipour, apertada pelos insurgentes, abandonou o seu acampamento. O rajah de Amjhera, e seus ministros, foram condemnados, e já se executaram muitos dos rebeldes.

— Em Turim demittiu-se mr. Ratazzi da pasta do interior, sendo encarregado d'ella interinamente o conde de Cavour.

— Lê-se no *Monitor toscano*, de 11 do corrente, que S. A. I. e R. a archiduqueza princeza herdeira dera felizmente á luz uma archiduqueza. A recém-nascida poz-se o nome de Maria-Antonia-Leopoldina-Annunciada-Anna-Amelia-Josephina-Joanna-Immaculada-Thecla.

— Em Sunderland, cidade natal do general Havelock, trata-se de erigir um monumento á sua memoria. O local escolhido para este fim é uma collina do parque do Povo, que se avista a muitas milhas do mar da Alemanha, e dos portos de Tyne, Hartleppots, e bahia de Tees.

— Chegaram a Londres a duqueza de Coburgo, e o principe Guilherme de Baden.

— Vão admittir-se na Russia, porém unicamente para a correspondencia do interior do imperio, os sellos de franquia de cartas.

— Nos exames da escola de medicina, que no anno lectivo passado tiveram logar na Pensylvania, sete damas receberam os seus diplomas de doutorado em medicina. Uma era da Virginia, e outra da Carolina do Norte.

— Walker, o famoso aventureiro contra a ilha de Cuba, foi aprisionado e desarmado pelo commodoro americano Paulding, no seu acampamento de Punta-Arenas.

— Segundo a recente estatística que se acaba de publicar em França, ainda ali existem 20317 castellos, pertencendo 311 aos seculos XII e XIII; 894 aos seculos XIV e XV; 3444 ao seculo XVI; e os restantes mais modernos. Mais de 2500 ainda teem pontes levadiças, torreões e seteiras.

— Estavam promptos em Brest a embarcar para a China 750 soldados francezes da infantaria de marinha.

— No Rhodano e Saona teem baixado tanto as aguas n'estes ultimos dias, que a navegação se ha tornado completamente impossivel.

— Nas aguas de Chia, junto ao cabo Sparmento, foi incendiada uma embarcação grega, assassinado o capitão, e afogada parte da tripulação, e outra queimada. Salvaram-se poucos, e estes contaram em Cagliari, onde aportaram, que decididos alguns companheiros a matar o capitão para roubarem as grandes riquezas que transportava, pregaram as escotilhas para impedir soccorressem o chefe os que não queriam tomar parte na empresa, e depois de commettido o crime, lançaram fogo á embarcação, fugindo no escaler.

#### Chandernagor.

Chandernagor está em posição agradável sobre a margem do Hongty. As ruas são direitas e bem calçadas; as casas, de tijolo, todas teem columnatas na fronteira, e terrados na parte superior, o que lhes dá aspecto gracioso. Os francezes obtiveram, em 1676, de Nioual-Chaista-Khan, licença

para estabelecer uma feitoria em Chandernagor. Algum tempo depois, esta cidade foi-lhes cedida, e fortificaram-na. Mais tarde, foi obrigada a entregar-se aos inglezes. Pelo tratado de 1814, foi restituída á França, mas sem nenhuma fortificação. A sua população é, pouco mais ou menos, de quarenta mil habitantes.

A vista que damos d'esta feitoria foi recentemente tirada no proprio logar.

#### O padre Matheus, religioso irlandez. prégador da temperança.

Bem sabido é por todos os que teem adquirido algum conhecimento dos costumes, indole e caracter da nação ingleza, que ella é dada, principalmente nas classes inferiores da sociedade, ao vicio da intemperança em ponto mais subido do que qualquer outra nação da Europa. Se não fosse estranho ao nosso assumpto, demorar-nos-hiamos a examinar as causas que podem ter contribuido para a aquisição d'este habito, e achariamos motivos de sobejo para, até certo ponto, desculparmos aos industriaes inglezes um erro nacional tão lamentavel, e que de certo modo mancha o brilho das virtudes civicas a que devem o logar que occupam entre as outras nações. A severidade do seu clima, o trabalho excessivo em que se empregam durante toda a semana, a falta de divertimentos publicos nos dias santos, juntas a certas especialidades caracteristicas dos habitantes, poderiam apontar-se entre outras causas como origem do mal; porém deixando de parte o empenho de desculpar a existencia do vicio, passaremos á grata missão de manifestarmos os esforços que se teem feito, e se continuam fazendo para o desterrar, bem como o feliz resultado obtido até agora, e o modo porque teem sido coroados estes louvaveis esforços.

Dos tres corpos politicos que compõem o reino unido da Grã-Bretanha, a saber: a Inglaterra, a Escocia e a Irlanda, a Irlanda é a que se acha mais engolphada no vicio da intemperança; asseverar que este é o resultado da escassez ou inefficacia da sua educação popular, será repetir meramente o que todos reconhecem já como axioma da sua existencia social. Convencidos d'esta verdade, varios homens philantropicos procuraram diffundir e generalisar n'aquelle reino um systema effizaz de instrucção primaria, e sem duvida alguma deve ter servido de recompensa a seus benevolos esforços a grata observação das muitas vantagens que tem produzido na nascente geração o estabelecimento das excellentes escolas nacionaes, que ha poucos annos teem sido fundadas. Não pode entrar em duvida que este é o meio mais seguro de effectuar eventualmente uma revolução social; porém era todavia lento em demasia para conter o rapido incremento a que ia chegando o vicio da intemperança na Irlanda, onde parecia necessario um milagre para poder resgatar os irlandezes do estado de degradação em que estavam sepultados. Este milagre foi operado em parte pela philantropia, auxiliada pelo meio mais poderoso, pelo mais grato, e pelo mais congenial com o coração humano — a religião.

O reverendo padre Teobaldo Matheus, frade franciscano irlandez, e prégador de renome, ha annos que dedicara toda a sua energia (energia pouco commum) ao nobre empenho de desarraigat o vicio fatal que se oppunha ao progresso e ao bem estar dos seus compatriotas. Nasceu no anno de 1780, e logo na mocidade manifestou o desejo de abraçar a vida monastica. Desde rapaz dava mostras de um caracter pensador e contemplativo, gostava do retiro e da solidão; porém sem embargo d'isso esta tendencia do seu espirito não era acompanhada de aspereza de genio nem de mau humor, antes pelo contrario era um dos homens mais joviaes e cheio de animação que tem existido, prompto sempre a partilhar a alegria dos venturosos, mas ao mesmo tempo, sympathisando com as desgraças dos seus semelhantes, nunca deixou de verter lagrimas de compaixão com os infelizes que choravam, nem de derramar o balsamo da consolação no coração dos afflictos. Assim o descreve um dos mais abalisados escriptores publicos da Grã-Bretanha,

que o conhece pessoalmente, e a cujo testemunho se pode dar pleno credito.

Na idade de vinte annos entrou no seminario de Kilkenny, e depois do curso regular de estudos, recebeu as ordens sacras e tomou o habito de S. Francisco. Tendo fixado a sua residencia na cidade de Cork, adquiriu desde logo consideravel fama como prégador sagrado; porém o seu merito n'esta capacidade, posto que eminente, é talvez a mais pequena das qualidades que lhe fizeram grangear o amor e a gratidão dos seus compatriotas. Apesar de nunca querer tomar a seu cargo a direcção espirital de uma congregação ou freguezia determinada, comtudo, no duplice caracter de ecclesiastico e de religioso, foi sempre infatigavel no desempenho dos seus deveres, e não sómente n'este ponto como no seu animo caritativo, pois que apesar dos seus limitados recursos, não houve em Cork um unico estabelecimento de beneficencia, qualquer que elle fosse, para o qual deixasse de contribuir, sendo tal a influencia e o respeito geral que lhe grangeara tão nobre e generoso procedimento, que a sua coadjuvação foi sempre anciosamente sollicitada para promover qualquer empresa de beneficencia, e este auxilio nunca foi recusado, nem deixou de ser effizaz.

Esta foi por muitos annos a vida do padre Matheus, que, sem ambicionar nem fama nem riquezas, era feliz no desempenho e no exercicio dos gratos deveres de um christão, quando ha poucos annos foi convidado a tomar parte em uma empresa que tornou o seu nome celebre em todo o mundo. Estabeleceu-se no anno de 1808 em Cork uma sociedade chamada de *abstinencia*, cujos membros se obrigavam por juramento a não fazer uso de bebidas espirituosas; e desde a sua fundação foi, como era de esperar, sollicitado o apoio e a concorrencia do virtuoso sacerdote. Entrou este com ardor e zelo extraordinario na empresa, e desde logo se tornou o cabeça e o chefe da associação. A tarefa que tomara sobre seus hombros era mui difficil, pois que porventura não havia na Irlanda um unico recanto onde os habitos da intemperança se achassem tão profundamente arraigados como estavam em Cork. Porém a influencia exercida pelo padre Matheus era mui grande, e o seu caracter sacerdotal lhe dava ainda maior força. O numero dos individuos que prestaram juramento de abstinencia (cada um dos quaes recebeu n'esse acto uma medalha que usava, para denotar o compromisso a que se ligara) foi ao principio mui limitado, pois não passava no começo de quinhentos; porém presstes começaram a circular as noticias do seu proveitoso estabelecimento, e a manifestar-se um entusiasmo geral, que se fez sentir em todo o paiz, e dos logares mais remotos da Irlanda acudiram a Cork milhares de individuos a prestar o voto de abstinencia nas mãos do padre Matheus, para quem olhavam com certo grau de supersticiosa veneração. Antes do acabamento do primeiro anno da fundação da sociedade contava ella setenta mil pessoas registadas no livro, e actualmente pela ultima estatística excedem a um milhão as pessoas alistadas debaixo do estandarte da abstinencia! Ainda que o resultado é mui satisfatorio, pois não pode deixar pelo menos de produzir infinitas vantagens este freio salutar que decididamente foi posto ao vicio nacional da embriaguez, ha duas circunstancias que offerecem graves inconvenientes na pratica. A primeira é, que ainda que em toda a Irlanda se acham estabelecidas sociedades filiaes da central presidida pelo padre Matheus, o povo está todavia persuadido, que só é effizaz e por conseguinte obrigatorio, o voto prestado nas mãos do proprio padre Matheus; tributam-lhe pois uma homenagem supersticiosa; consideram a sua benção dotada de uma virtude particular. Receiamos que se não tenha procurado sufficientemente desimpressionar o povo d'este erro, pois que se admittem peregrinos vindos de partes remotas sem os admoestar e desilludir sobre a inutilidade de tão longa jornada, antes pelo contrario em alguns casos tem-se a estes pago as despezas das jornadas. Além d'isto o padre Matheus, cedendo ás instancias que se lhe tem feito, consentiu em visitar Dublin e outros logares com o fim de facilitar aos que não podiam vir a Cork a oportunidade de prestarem o voto nas suas mãos. Ainda accresce mais; é tão



grande a efficacia que o vulgo irlandez attribue ás suas orações, que a parte mais ignorante e a mais supersticiosa, o consideram dotado do poder de curar os enfermos. Convém, todavia, em honra sua, confessar que tem em publico por diferentes vezes negado a existencia de semelhante faculdade, e quando alguma vez lhe tem apresentado os enfermos, como acontece frequentemente, tem-se contentado com dirigir ao ceo aquellas orações, que os que soffrem tem por omnipotentes. Consentir que a reforma que encetou, reforma que deve ser precursora de uma regeneração moral, assente sobre uma base de supposta santidade do individuo proprio autor d'essa regeneração moral, seria admittir uma fraqueza indigna de um homem tão eminente como é o padre Matheus. Sem duvida alguma elle conhece isto mesmo; porém considerando que para desarraigar um vicio tão envelhecido e preponderante, como é na Irlanda a intemperança, não seriam bastantes as meras admoestações philanthropicas de um individuo isolado, sem o auxilio de outro agente mais poderoso, não se apressa em destruir a crença popular que lhe ministra os meios de levar ao cabo o seu importante objecto. Porém será porventura justo que para desterrar um mal se faça outro maior? Privar um olho da vista para melhorar a do outro, arriscando talvez a vista de ambos, seria acaso prudente?

Como a malicia e a inveja se acham sempre promptas a detrahir até as acções as mais benevolas, tem sido accusado o padre Matheus de querer angariar com vistas sinistras e ambiciosas o poder e a popularidade de que goza sem duvida, e de procurar constituir-se uma especie de dictador espiritual para satisfazer miras politicas. Não vacillemos um só instante em negar tão gratuita accusação, em primeiro lugar porque está em directa opposição com o teor e antecedentes da vida inteira do padre Matheus; e em segundo lugar porque muito nos custaria negar-lhe a existencia de sentimentos puramente philanthropicos e desinteressados. Além d'isso não admittimos duvida que quando elle começou esta sua difficil tarefa, não podia prever nem imaginar sequer um exito tão extraordinario como o que obteve, e se fosse levado por considerações mundanas, ou interessadas, indubitavelmente teria abandonado a sua empresa, vendo que toda a sua familia tem soffrido por effeito dos seus resultados. Tres dos seus irmãos são proprietarios d'uma das mais consideraveis fabricas de cerveja na Irlanda: sua irmã está casada com outro rico fabricante de cerveja; e uma irmã d'este ultimo é mulher de outro irmão do padre Matheus. Posto isto, o exito completo dos esforços d'este homem philanthropico produzirá a ruina das pessoas que lhe são mais queridas. Este proceder tão desinteressado é portanto superior a toda a suspeita.

É certo que se tem indignamente abusado do nome do padre Matheus para propagar nas classes baixas do povo doutrinas politicas perniciosas; porém toda a pessoa imparcial reconhece quanto fóra injusto accusar este homem virtuoso de um abuso que não autorizou nem sancionou. Mas ainda quando o suppozessesmos capaz de tão baixo proceder, o beneficio conseguido por elle no facto de haver transformado os irlandezes em um povo sobrio e pensador em vez de uma turba multa desenfreada e viciosa, será a melhor salvaguarda contra qualquer tentativa que tenha por fim tornal-os cegos instrumentos de um partido ou de uma facção politica.

A cerimonia que se observa para receber o juramento é singela, e não é falha de interesse. Em Cork é prestado em uma sala da casa em que reside o padre Matheus. N'esta se reune por cada vez um limitado numero de pessoas, as quaes ajoelhando em semi circulo perante elle, repetem as palavras do voto de abstinencia, que consistem, em se absterem de todas as bebidas embriagantes, excepto nos casos em que d'ellas se haja de fazer uso medicinalmente e receitadas por ordem do facultativo. Segue-se uma curta pratica feita pelo sacerdote, que abençoa os circumstantes, e com esta acaba a cerimonia, finda a qual estes se vão successivamente chegando a uma mesa onde um amanuense toma nota dos nomes d'estes no registo geral, e entrega a cada individuo uma medalha e um exemplar dos

regulamentos da sociedade pelo que pagam um shilling, ou duzentos e vinte cinco reis. Ao principio não se exigia nenhum emolumento, mas augmentando o numero dos socios, o custo das medalhas, e a impressão dos regulamentos que orçaram por perto de seis milhões, além do aluguer da casa, e do costeo das jornadas aos que tinham poucos meios, que tudo pagava o padre Matheus, tornaram necessario este emolumento afim de supprir taes despesas. O emolumento é pago com a melhor vontade por uma nação tão caprichosa e ciosa de sua independencia como é a irlandeza.

São já mui consideraveis as vantagens que se tem colhido d'estas associações da temperança. As tabernas ou casas de venda das bebidas, das quaes só em Londres se contavam mais de seis mil, começam a sentir os effeitos da moderação introduzida: o giro d'estas casas diminuiu de metade, a ponto de muitas se verem obrigadas a fechar, sustentando-se apenas os antigos estabelecimentos. Se porventura esta regeneração moral continuar ganhando incremento, será um grande bem para a Irlanda, e uma solida garantia da sua futura felicidade e do bem estar do povo irlandez, que ha annos geme acurvado ao peso de um tratamento pouco generoso.

#### Ilha Mauricia.

É o nome porque os inglezes substituíram o de *ilha de França*. Mas, se lhes não fosse preciso riscar a verdade da historia, é certo que nenhum nome melhor lhe assentaria do que o de ilha Mascarenhas.

Foi effectivamente um navegante portuguez d'este nome que descobriu em 1505 esta ilha, tão justamente chamada a *perola do mar das Indias*. Se o capitão Van Neck lhe deu o nome de *Mauritius*, em honra de Mauricio, principe d'Orange, esta lisonja do capitão hollandez era uma usurpação manifesta, porque foi em 1598 que Van Neck lhe impoz tal nome, arvorando ahí a bandeira hollandeza. Havia mais de um seculo que ella tinha o nome do intrepido marinheiro que a descobrira.

Os portuguezes, longe de protestarem contra esta espoliação moral, não foram os ultimos a sacrificar os direitos do seu compatriota, dando á ilha Mascarenhas o nome de *ilha do Cerno*.

A tentativa de colonisação, que os hollandezes fizeram, não teve exito; abandonaram-na por tanto em 1712. A França occupou-a no anno seguinte, e, sem mencionar os diversos nomes que alternativamente teve, deu-lhe o proprio nome.

Começou para ella um estado de prosperidade sempre crescente; e no tempo de Luiz XVI, era uma das mais florecentes colonias francezas, bem como no tempo da republica e do imperio foi a mais gloriosa.

Possue um solo onde, quasi sem cultura, crescem as mais bellas produções dos tropicos, e onde se não encontra, se acreditarmos viajantes dignos de fé, nem uma fera, nem um bicho peçonhento.

#### A casa sobre a collina.

Pedro Larcy abandonara, muito moço ainda, a sua linda cidade natal, agradavelmente situada em uma das desembocaduras do Loire. Não a deixara elle sem pesar, porque ahí lhe ficavam os amigos que conheceram seus paes, e os unicos que podiam ainda fallar-lhe d'elles. Além d'isso, tinha muita affeição ao paiz natal, ao velho campanario, aos frescos passeios, testemunhas de seus prazeres infantis, cuja lembrança nunca desperta com tanta força como no momento de se abandonar o theatro em que se representaram. Principalmente o rio e as suas pittorescas margens fallavam-lhe com energia, e recebiam do pobre Pedro ternas despedidas. Mas levava comsigo a esperança!... Ia estabelecer-se em uma cidade commercial, onde de certo faria fortuna; e, quando estivesse feita, isto é, quando elle tivesse quatro mil libras de renda, voltaria a cumprir um projecto que não confiara a ninguém, porque a sua feliz realisação dependia do segredo. Nos seus passeios solitarios, muitas vezes demorara os olhos sobre uma eminencia, ás portas da ci-

dade; ahí subia frequentemente, para gosar da vista que se desenrolava ao longe sobre o rio, cujas margens formavam encantadora perspectiva.

— Aqui, dizia comsigo, é que eu quero um dia edificar a minha casa; aqui me estabelecerei com a familia que Deus me der; aqui receberei os meus amigos!

Partiu pois, saudando com o ultimo olhar a cidade e a collina, então verde e florida, e que parecia dizer-lhe de longe: « Adeus, Pedro! Até mais ver!... É para ti que eu quero ser bella! » Entretanto não deixava elle d'estar inquieto: na sua ausencia, podia um amator arrebatá-lo a sua querida collina, e estabelecer-se ahí em seu logar! Assim não quiz esperar pela sua-completa fortuna para se assegurar a posse d'este logar querido. Logo que realison as primeiras economias, veio passar alguns dias ao paiz, e offerecendo ao proprietario do terreno quantia que o decidiu, concluiu-se a venda.

Larcy voltou alegre aos negocios, sem occultar d'esta vez aos amigos a sua esperança e o seu projecto: a execução não dependia senão d'elle e da fortuna... E a fortuna foi-lhe favoravel. Elle via de anno para anno augmentar o seu pequeno capital: foi tão bem que pôde ter dois negocios ao mesmo tempo, e, proseguindo sempre a sua laboriosa tarefa, pensou seriamente em casamento. Havia muito tempo que meditava n'isso, porque tinha achado na filha de seu antigo patrão a mulher da sua escolha, aquella a quem desejava fazer feliz na casa que havia de edificar sobre a collina.

O patrão morrera sem fortuna. Para um homem como Pedro Larcy era este o momento de fazer a sua declaração. A orphã esperava-a, e o seu coração tinha já respondido. O casamento concluiu-se tão facilmente como a compra do terreno. Finalmente, soou a hora em que teve quatro mil libras de renda, e liquidas, sem contar alguns valores duvidosos, com os quaes, com effeito, nunca se deve contar.

Os esposos deixaram então com prazer a grande cidade commercial, e, seguidos de mil sonhos encantadores, dirigiram-se á pequena cidade. Esta não era estranha á senhora Larcy, que passara nos arredores os primeiros annos, e poderia ver, das janellas de casa, o berço da sua infancia. Tudo corria magnificamente; não se tratava senão de edificar.

O plano estava prompto, como se pode crer. Os conjuges tinham percorrido cem vezes, da adega ao eirado, a sua futura casa. Depois d'um penoso dia, passado na barafunda dos negocios, o marido aprazia-se em rever com sua mulher este plano muitas vezes modificado. Não se despresavam os amigos, com os quaes se discutiam calorosamente as menores particularidades. Quantas vezes se tinha mudado a entrada e a escada, augmentado, diminuido modificado portas e janellas!... Emfim, estavam d'accordo, e o plano, definitivamente revisto e correcto, era a mais preciosa peça da bagagem dos afortunados esposos. A sua chegada e a proxima execução do projecto fizeram geral sensação.

Desde o dia em que Larcy comprara o terreno, os amadores e empreiteiros conheceram com pesar o erro que tinham commettido em terem deixado arrebatá-lo este excellentes sitio. Foram feitas as mais seductoras propostas ao possuidor, que poderia ter vendido com grande lucro. Mas foi inabalavel, e recusou tudo. Quando porém os amigos tiveram conhecimento do seu plano; quando se soube que não queria construir, em posição tão admiravel, senão uma modesta barraca, foram em toda a cidade unanimes as censuras e lamentações.

— Despresaes a fortuna, diziam-lhe todos.

— Mas ella está feita, respondia.

— Pois bem, perdeis a occasião de a dobrar. Edifica uma casa espaçosa, que possa receber dez familias, e nós vos garantimos o exito. O commercio prospera; a cidade augmenta, e entretanto as rendas são cada vez mais caras; não se sabe onde se hade morar. Declarae só que ides edificar em ponto grande, e todos os quartos serão alugados com anticipação.

Interveiu um architecto, e deu o seu conselho, sem esperar que fosse pedido. Cervier era conhecido antigo. Mostraram-lhe os planos, que o fizeram sorrir de lastima. Da sua parte apresentou, de



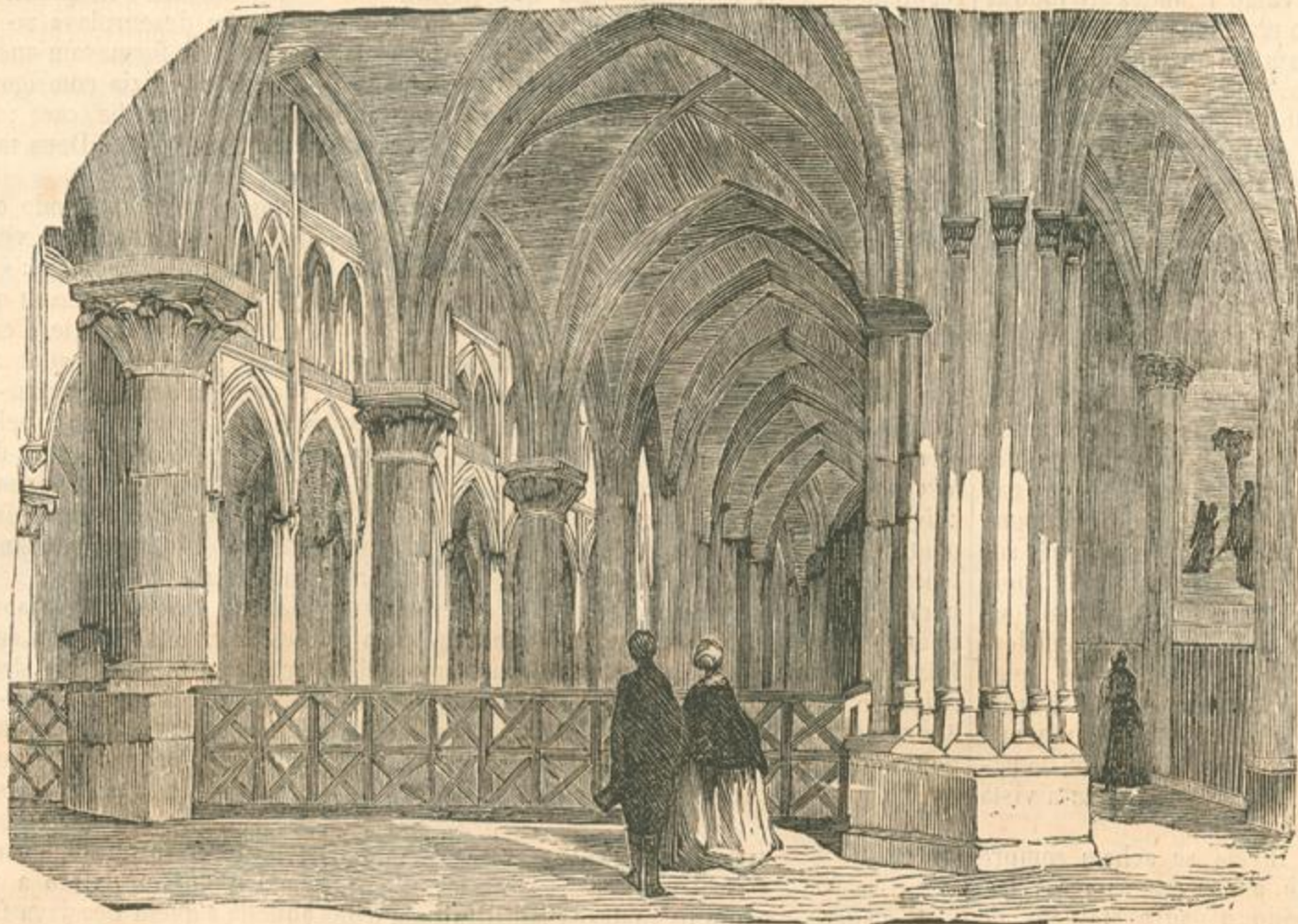
motu proprio (e sem nenhuma vista interesseira) um projecto bem differente. . . . A modesta barraca tornou-se em uma grande casa de tres andares.

É preciso dizel-o: a senhora Larcy foi a primeira seduzida por esse projecto. Ella tinha dois filhos, um menino e uma menina. A familia podia augmentar, e a barraca, uma vez edificada, ficaria como a tivessem feito. A ambição ingeriu-se no negocio, e appareceu sob o nome de previdencia maternal. Quatro mil libras de renda podiam bastar agora; mas bastariam quando fosse preciso estabelecer os filhos? Em breve as cabeças de ambos se transtornaram. Elles tinham chegado ao porto, mas para naufragarem. É uma desgraça muito commum. O plano do senhor Cervier foi adoptado, e as felicitações universaes celebraram-lhe a execução. O ex-negociante empregou em alvenaria toda a sua pequena fortuna.

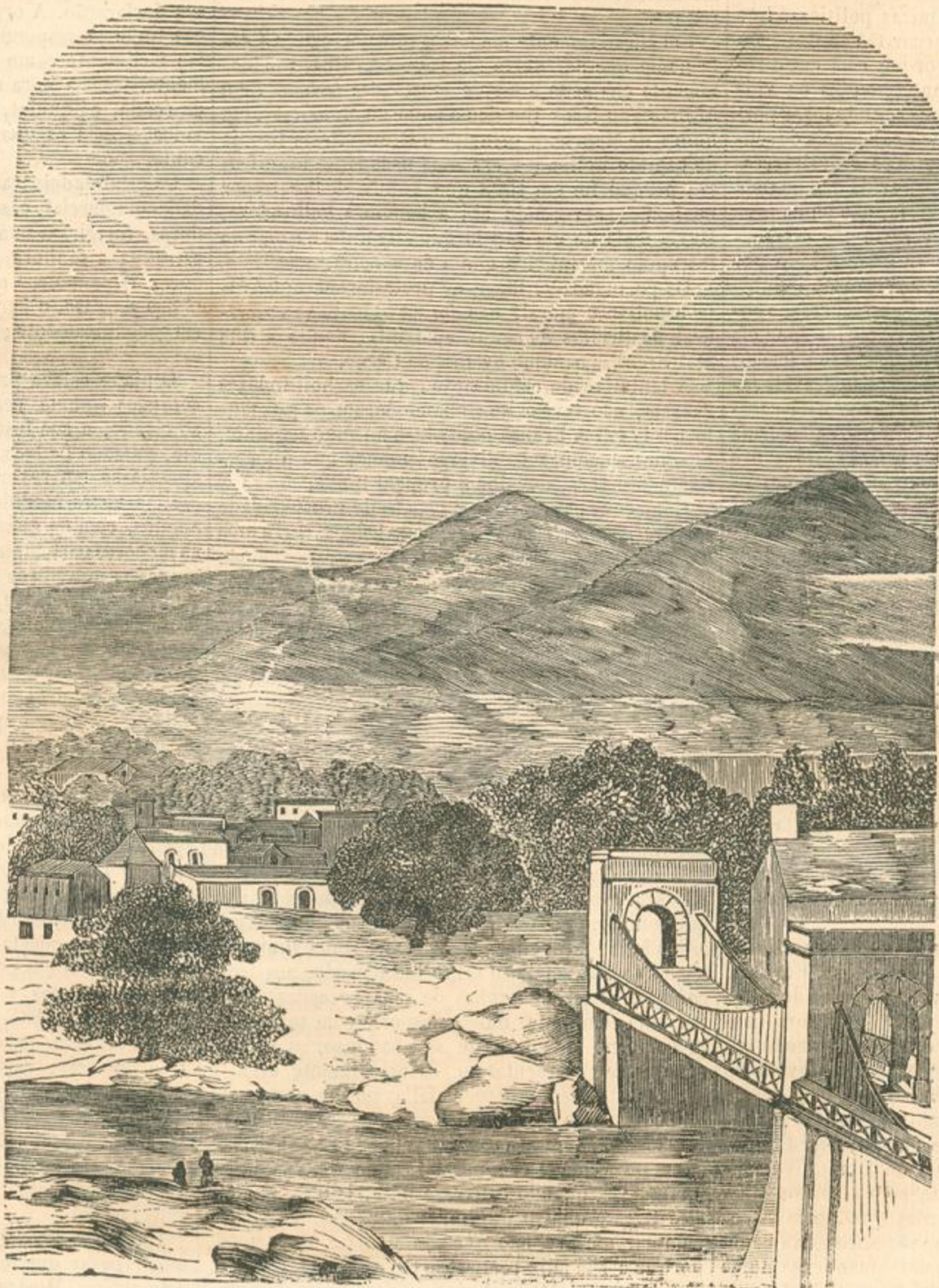
Dezoito mezes depois, e postos apenas os escriptos, a casa estava inteiramente alugada com vantagem. Os proprietarios tinham comtudo reservado para si metade dos quartos baixos e o uso exclusivo do jardim. Elles calculavam com satisfação que tinham casa e dinheiro a render.

Passaremos rapidamente sobre alguns mezes de felicidade, seguidos para o senhor Larcy de dois acontecimentos dolorosos que lançaram sombrio veio sobre o resto da sua vida. Perdeu seu filho, e, pouco tempo depois, sua mulher, que não pudera consolar-se d'esta perda. Só lhe restava a filha, a sua querida Anna, que tinha então doze annos.

A estação em que a senhora Larcy adquirira a doença de que morreu, fôra extremamente chuvosa. O afflicto marido foi talvez a unica pessoa da cidade que não prestou attenção a esta incommoda temperatura. Não obstante, devia ella attrahir-lhe nova desgraça. O terreno da collina, diluido profundamente, perdeu, ao que parece, a sua solidez, e a casa experimentou um destendimento. Pelo grande susto dos inquilinos, foi preciso reparar as portas e janelas, e mesmo encobrir aqui e ali algumas rachas com



San-Severino.



Ilha Mauricia.

gesso e argamassa. Foi muito difficil ao architecto tranquillisar os habitantes. Todavia, ao cabo d'alguns dias, o medo tinha diminuido um pouco; todos ficaram firmes no seu posto, e já se fallava menos no accidente.

O joven Emilio Varel, que estava ausente havia alguns dias, voltou, como inquilino do senhor Larcy, a occupar o quarto que tinha nas aguas-furtadas, e infelizmente não voltou só. Trazia consigo um amigo de collegio, que o desejo de se fazer lembrado a uma parenta velha decidira a acompanhar Varel á pequena cidade. Jorge Luret achava muito vantajoso alugar-se em casa do seu camarada, que tinha uma cama á sua disposição.

Emilio conhecia todos os inquilinos, e, logo no primeiro dia, visitando-os, ouviu em cada casa a historia do que se passara na sua ausencia. A sua volta recordava aos visinhos este terrivel pensamento, que fornecia assumpto de conversação. Elle produzia entretanto mui pouco effeito na imaginação do joven Varel, mas succedia o contrario ao seu companheiro. Jorge Luret parecia vivamente impressionado do perigo que corria a sua pessoa em uma casa que não estava segura na base. Á noite, recolhendo-se com o seu hospede, não cessava de escutar, e fallava tão frequentemente ácerca d'isto, que Emilio lhe disse, enfim, com alguma alacridade:

—Se tens medo, vae alugar-te na hospedaria.

Luret protestou que não iria só, nem abandonaria o seu amigo. (Tinha ouvido dizer que as hospedarias da cidade eram muito caras.)

Finalmente os dois companheiros deitaram-se, e, como se pode crer, Luret custou-lhe muito a adormecer: a noite e o travesseiro não curam os covardes. Emilio, pela sua parte, esteve tambem algum tempo acordado; mas é porque ouvia com tristeza o ruido monotono da chuva, que não cessara de cair todo o dia; meditava na necessidade que as colleitas tinham de sol; reflectia nos pobres inundados das terras baixas: não pensava por modo nenhum na historia que ouvira. De repente ouviu-se um ligeiro estalo, e Jorge Luret, que não tinha cessado de



escutar, assentou-se promptamente na cama, gritando com voz abafada :

- Ouves ?
- Sim, ouço a chuva.
- Não é isso !
- Então que é ?
- Este estalo . . .
- Que tem ? é a madeira que dá de si ! . . .
- Ou antes a parede que desaba !
- Cala-te, visionario !

Continua.

**San-Severino.**

San-Severino é um monumento assaz curioso do seculo xv. Realmente, a fundação da igreja remonta pelo menos ao seculo xi, mas os trabalhos prolongaram-se lentamente até á idade media. Em 1347 ainda ahi trabalhavam, e a igreja foi em parte feita de novo em 1489. Da antiga igreja restam apenas vestigios: a maior parte do que existe ainda data pois do seculo xv. Restaurou-se este edificio em nossos dias, e fez-se-lhe um portal.

O que possui, com effeito, e que é um especimen elegante da arte do seculo xv, fazia outr'ora parte da igreja de Saint-Pierre-aux-Bœufs, demolida ha uns quinze annos, com grande escandalo dos archeologos. Era um monumento notavel, e se era absolutamente preciso destruil-o, fizeram bem em conservar-lhe o portal.

O *rez-de-chausée* tem uma porta principal muito ornada, e sobrepujada por um fastigio agudo. Por cima uma galeria, e uma serie d'arcadas ogivales, separadas do segundo andar por segunda galeria, e emfim um fastigio agudo dominado por uma estatua.

A torre que se encontra á direita do portal é muito elegante não só no todo como nas particularidades. Na face septentrional acha-se uma porta, de cada lado da qual havia antigamente dois leões. Tambem as sentenças do arcepreste de San-Severino tinham esta citação :

*Datum inter leones.*

Presentemente só resta um.

O interior de San-Severino foi alterado no seculo xvii com aformoseamentos inopportunos; não obstante existe um todo, ao aspecto do qual não falta grandeza. As abobadas são decoradas de pedras, esculpidas com a ousadia e abundancia elegantes que são o sello da arte ogival no ultimo periodo.

Dissemos que os aformoseamentos executados no seculo xvii prejudicavam o effeito geral. Só teem a desgraça, talvez, de não se harmonisarem com a architectura do edificio; mas em si mesmos eram dignos d'atención. De mais elles proprios teem soffrido degradações e ultrajes. Do altar mór, executado por Tubi, conforme a composição do infatigavel Lebrun, existem só fragmentos, e será provavelmente substituido em breve por outro no gosto da architectura do seculo xv.

Notam-se muitas pinturas excellentes nas diferentes capellas, executadas pelos mais acreditados mestres no genero; e ainda faltam muitas a pintar.

Ha uma tyrannia, que nos faz virtuosos, e livres; é a que exerce a razão sobre as paixões.

seculos. Em todo o ponto verdadeiro, ainda se lhe pode assignar origem mais remota; se bem que das primitivas construcções hoje nada resta, e das que o rei S. Luiz ahi fez levantar, só existe a velha torre conhecida pelo nome de *Donjon*, e poucos vestigios da mesma epoca na capella de S. Saturnino.

O actual palacio pode dizer-se que só data de Francisco I. Este principe amava tanto *Fontainebleau*, que todas as vezes que regressava a esta residencia, dizia: « — *Vou para minha casa.* — » Empregou, quanto lhe foi possivel, os meios de o emparelhar com os palacios dos mais poderosos monarchas europeus, fazendo arrasar, para novas construcções, todas as dos tempos dos seus predecessores, excepto a torre de S. Luiz. Datam do seu reinado os edificios do *pateo oval*, a maior parte do das *Fontes*, o *pateo das despedidas*, as duas ca-

pellas, e a *porta doirada*. Mandou chamar, com grande despendio, Leonardo de Vinci e André del Sarte para decorarem o novo palacio, e depois d'estes Benvenuto Cellini, Rosso, e Primatice. De terem vindo estes artistas nasceu a opinião de *Fontainebleau* ser construido por italianos, o que é falso, e até Serlio e Benvenuto Cellini dizem em seus escriptos que aquelles italianos chamados por Francisco I só foram empregados em trabalhos de pintura e esculptura. As fachadas do *pateo oval* mostram o caracter da arte franceza no principio da renascença. Primatice, a quem se attribuiu depois de Serlio ter dirigido os trabalhos de construcção, nunca foi architecto, se bem que peia protecção de Diana de Poitiers foi nomeado depois, no reinado de Henrique II, superintendente dos edificios reaes. Ainda mais está averiguado que quando veio de Italia foi sómente para trabalhos de estuque; e Rosso, que o precedera, havia já feito importantes decorações muraes; do que se conclue que grande parte da construcção estava acabada quando ambos os artistas chegaram.

Se *Fontainebleau* foi edificado, ao menos na maior parte por artistas francezes, contudo os pintores empregados na sua decoração foram italianos até ao reinado de Henrique IV. Ainda hoje se diz « — *escola de Fontainebleau* — » fallando d'aquella geração de artistas que trabalharam sob a direcção de Rosso e Primatice; escola que teve incontestavel influencia sobre a arte franceza; e cujos vestigios se podem ainda seguir e achar em todas as



Fontainebleau.

**Fontainebleau.**

Depois de ter sido, no decurso do seculo xvi e começo do xvii, a admiração da Europa, *Fontainebleau* cedeu seu sceptro a *Versailles*. Hoje constituiu-se objecto de peregrinação e estudo para os artistas e archeologos, e de passeio para os curiosos. O palacio tem direito ao ardor da curiosidade que mais se desinvolve agora com o caminho de ferro que por ahi passa. A bella floresta que o cerca é uma das melhores da França; e apesar dos vandalismos que tem soffrido, a unica onde hoje se encontram as magestosas e selvaticas bellezas dos antigos e venerandos bosques da Gallia.

Ha o dictado que *Fontainebleau* é obra de oito



phases da historia da pintura d'aquella nação.

Henrique II e Carlos IX continuaram os trabalhos que ficaram incompletos no tempo de Francisco I, e foram novamente interrompidos no desgraçado e tormentoso reinado de Henrique III. Na época de Henrique IV progrediram outra vez com a edificação de novos edificios.

*Fontainebleau* para a sua prosperidade deve muito ás favoritas. Ah! se vê a cifra de Diana de Poitiers, que foi em seu tempo a verdadeira rainha. A *galeria das festas*, chamada também *galeria de Henrique II*, fôra-lhe, por assim dizer, consagrada por este monarcha. Gabriela d'Estrées também quiz ter a sua galeria, e Henrique IV fez para esse fim construir a *galeria de Diana*, onde a amante foi representada com o carcaz, setas e meia lua, que por adorno os poetas e pintores deram á duquesa d'Etampes. Gabriella morreu antes da conclusão da obra, e o bearnes lembrou-se então de que tinha uma esposa, e querendo utilizar as pinturas já principiadas fez substituir o retrato da amante pelo de Maria de Medicis. Em compensação a cifra d'Estrées via-se na camera chamada da rainha, ao lado do retrato d'esta.

Henrique IV fez construir também as *galerias dos cervos* e dos *cabritos*, todos os edificios do *pateo dos principes*, e decorar com pinturas, por Freminet, a capella da Trindade. Creou o parque, e mandou abrir o canal de mil e duzentos metros que o atravessava em todo o comprimento.

Do tempo de Luiz XIII ha muitas decorações interiores, e a famosa escada do *pateo do cavallo branco*, construída por Lemercier. Luiz XIV ainda fez desenhar e replantar os jardins por Le Notre; mas depressa abandonou *Fontainebleau* por Versailles. Seu successor ali foi repetidas vezes, mas por infelicidade do edificio, porque no seu reinado se demoliram as *galerias d'Ulysses*, dos *cervos*, e dos *cabritos* que se transformaram em mesquinhos aposentos. Luiz XVI não fez grandes mudanças n'esta residência; mas no toucador da rainha ainda se vêem notaveis trabalhos de serralharia feitos por este principe, e que mostram a sua habilidade na arte.

A revolução não se occupou de *Fontainebleau*. Napoleão I fel-o em parte mobilar. Luiz XVIII principiou a reconstrução da *galeria de Diana*, que se concluiu em tempo de Luiz Philippe. Durante este reinado foi inteiramente renovado. Depois de ter sido no tempo da renascença um dos mais formosos palacios europeus, caíra em verdadeiro estado de ruina. As curiosas pinturas de Rosso e Primaticcio, ou, melhor diremos, dos habéis artistas que as executaram pelas composições de Primaticcio, caíam aos pedaços bem como as dos pintores francezes Dubois e Freminet. Empreheu-se então restituir-lhes o primitivo esplendor. Mrs. Alaux e Picot foram os encarregados d'esse trabalho; e ao passo que se doiraram as molduras e tectos, se concertaram os arruinados farrapos d'aquelles excellentes quadros.

*Fontainebleau* é hoje um dos mais curiosos lugares a visitar, mas não se espere achar n'elle a imponente e magestosa unidade de Versailles. É uma agglomeração de pateos, aposentos, e fachadas, onde se acham todos os gostos e estylos desde Francisco I até hoje; e o caracter architectonico da primeira renascença, cunhado ainda no genio da idade media, lembrando *Chambord* e *Chenonceaux*, se mistura com o caracter varonil e robusto das edificações de Henrique IV, e das construcções do tempo de Luiz XV, do imperio, e da presente época. E por este motivo que se não encontram ali, como nos palacios de *Blois* e *Chambord*, modelos que sirvam de typo caracteristico da arte da renascença. Em *Fontainebleau* é a arte que se tenta e hesita ainda entre as tradições da vespera e a revolução que acabava de chegar da Italia. O *pateo oval* offerece visivelmente este caracter, apesar do portico que dá accesso para os quartos da rainha.

Os aposentos apresentam no todo a mesma confusão e disparidade. O mais celebre — a *galeria das festas* — foi inteiramente restaurado por Luiz Philippe, e offerece hoje uma excellente perspectiva, por causa das suas magnificas decorações, pintadas por Nicolo del Abato, segundo as composições de Primaticcio. Acha-se ali a grandiosa franqueza da escola de Florença. A *galeria de Hen-*

*rique II* foi evidentemente construída por artista francez, o que se prova, além do escripto de Cellini, pelos caxorros de pedra ornados de animaes phantasticos, e que primitivamente se destinavam a supportar a abobada, pois conhecese que tinha de ser assim coberto; mas o decorador, mais poderoso que o architecto, substituiu o primeiro projecto por um tecto á italiana, e com isso perderam as proporções da sala a sua harmonia e grandeza.

As decorações da renascença não devem porém fazer esquecer em *Fontainebleau* as que pertencem a outra época. As salas de Francisco I e Henrique II não podem induzir o visitante a ser injusto para com as camaras decoradas no estylo opulento e pittoresco do tempo de Henrique IV e Luiz XIII, especialmente a *camara da rainha*; nem as pinturas italianas o devem tornar indifferente aos frescos de Dubois e Freminet.

Do tempo de Luiz XV ha comtudo uma decoração magnifica — a *sala do conselho*, pintada por Boucher.

*Fontainebleau*, além de suas esplendidas bellezas, é um dos palacios reaes da França que excita maior numero de recordações historicas, e ainda ultimamente Napoleão I ali abdicou.

#### Tristeza e desalento.

De pé n'um monte elevado,  
Da cidade frente a frente,  
Eu contemplo a magestade  
Do sol que busca o poente.

No silencio respeitoso,  
Solemne e augusto d'est' hora,  
Aos pés, o Tejo tranquillo,  
Em que a magoa se namora,

Só por só, com meus cuidados,  
Da saudade em companhia,  
Ergo a Deus o pensamento  
Sobre as azas da agonia!

Distante um lugubre dobre,  
De funeraria tristeza,  
Do templo vindo em que dorme  
A finada realza,

À humanidade annuncia,  
E annuncia ao coração,  
Que o dia d'hoje é de lucto,  
E de saudosa oração!

Como este dobre se casa  
Aos desgostos d'este peito,  
A ventura sempre esquivo,  
A desgraça sempre affeito?

Do Tejo o brando murmurio,  
Vem cair como um gemido  
Na minh'alma já turbada,  
De um vago soffrer sentido!

E o suspirar d'estas vagas,  
São consolo a meu tormento,  
Que a vaga que a praia oscula,  
Me compr'hende o sentimento.

Amo este sitio, esta hora,  
De mysterio religioso,  
Em que ceo, e mar e tudo,  
É sublime e magestoso!

Aqui posso sem receio,  
Longe a mascara arrojado,  
E sem medo, aqui do mundo,  
Minha sorte deplorar!

Aqui busco refrigerio,  
Quando trasborda o martyrio,  
Ao que a razão diz que é justo,  
E o indifferente delirio!

Aqui foi o meu passado,  
Em que uma esperança viçosa,  
Doirar veio por instantes  
Minha sorte desditosa!

O que me resta no mundo,  
Se já nada posso esp'rar?  
Quem me dera ter valor,  
Para co'a vida acabar!

Deus, oh! Deus, ao desgraçado,  
Dae vós alentos do ceo,  
Porque perdendo a esperança,  
Este infeliz se perdeu!

Novembro 2 — 1856.

MENDES LEAL (ANTONIO).

#### A tarde, entre a murta.

Continuação.

SCENA VIII.

(Um criado annuncia D. João).

AS MESMAS E D. JOÃO.

D. JOÃO.

(Entrando) Minhas senhoras.

AMBAS.

(Rindo) Ah, ah, ah...

D. JOÃO.

V. ex.<sup>a</sup> mandou-me chamar para zombar de mim á vista da senhora condessa?

SOPHIA.

Não, D. João, passei uma noite tormentosa.

CONDESSA.

Foi uma maldade que eu fiz.

D. JOÃO.

O que foi?...?

SOPHIA.

(Com muita amabilidade) Não diga, condessa; saiba só o senhor D. João, que quando se tiram dois retratos não é prudente deixar um em casa do retratista.

CONDESSA.

Mesmo porque é facil comprarem-no por capricho para atormentar com elle alguém que pense muito no original.

D. JOÃO.

Mas o retratista não pode vender.

CONDESSA.

(Com maldade) Retratistas e luveiros são o mesmo.

SOPHIA.

(Encontrando a luva rasgada) A condessa rasgou a minha luva?...?

CONDESSA.

V. ex.<sup>a</sup> chama-me nomes feios!

SOPHIA.

Então, ficamos bem ou mal?

CONDESSA.

Eu acho que bem.

SOPHIA.

Então vamos para o baile, e já. (para D. João) Vamos D. João.



D. JOÃO.

Eu não posso.

AMBAS.

Não pode! porque?

D. JOÃO.

(*Entrega uma carta a D. Sophia*) Leia, minha senhora.

SOPHIA.

(*Entristecendo á proporção que lê*) Coitada!

CONDESSA

O que aconteceu, senhor D. João?...

D. JOÃO.

Morreu minha mulher!

CONDESSA.

O motivo é forte.

SOPHIA.

(*Com ternura e a meia voz*) Mas nós guardamos segredo até amanhã, e eu não dispense a minha contradição.

*Cae o panno.*

Continua.

**Caçada aos elephantes.**

Não é coisa facil aproximarem-se os caçadores dos elephantes sem serem presentidos, porque além da vista e do ouvido estes animaes teem os nervos olphaticos por tal modo desinvolvidos que reconhecem um homem a grande distancia, se o vento sopra do lado do caçador. Este o motivo porque o primeiro cuidado n'estas caçadas é tornar a fera de modo que o vento venha do lado d'ella para o caçador.

O animal pasta desappercebido, como se fôra um boi manso, balanceando de quando em quando a tromba para agarrar as turfas deervas que lhe agradam. Então os que acompanham o caçador rojam-se pela herva, escondendo-se com as moitas que topam, afim de se aproximarem para acertar o tiro na cabeça, porque a morte do elephante deve ser instantanea, para se não correr o risco de ser perseguido pelo colosso, que tão rapido accomette o aggressor, que nem tempo lhe deixa para se salvar nos bosques.

Vejamos como a este respeito se explica um europeu que fez parte d'uma d'estas caçadas no paiz dos Zoulus, nação cafre habitadora a este de Porto Natal.

« Com o ventre por terra, os nossos tres caçadores se iam seguindo em fileira, arrastando-se sobre as mãos e joelhos, segurando na dextra a espingarda, que a cada momento largavam no chão adiante de si, para se poderem arrastar. Já levavam os dedos despedaçados pelos espinhos do matto, e o suor escorria-lhes pelo rosto. O ar, esquentado pelo calor da terra, não lhes penetrava nos pulmões, e para poderem respirar um pouco mais á vontade, e descansar alguns instantes, deitavam-se de costas, sem perderem comtudo de vista o terrivel adversario.

« Repentinamente o elephante deu signaes de inquietação, e agitou as compridas orelhas, estendendo-as em angulo recto para melhor recolher os sons; levantou a tromba em toda a sua extensão, fazendo-a girar por cima da cabeça em todas as direcções para reconhecer pelo olphato quem era o inimigo, cuja aproximação suspeitava. O coração dos caçadores batia-lhes violentamente no peito. Permaneceram portanto immoveis bom espaço de tempo, até o animal voltar novamente á sua posição de descuido.

« Chegou o instante fatal. Os dois caçadores que iam de rastos mais á retaguarda do primeiro, emparelharam com este, e levantaram-se rapidamente. O elephante ficou surprehendido vendo os seus inimigos surgirem da terra como por encantamen-

to. Apontaram as espingardas, sobre a parte concava superior aos olhos, e dispararam-se dois tiros; apoz estes o terceiro. O animal tinha caído morto. Sempre por precaução lhe enviaram mais algumas balas, e depois foram tomar conta do despojo.»

Estes animaes costumam andar em rebanhos. Nas florestas da Africa austral cria-se uma arvore que produz uma noz, a qual amadurecendo cae, e fermenta, e quando elles a comem n'este estado ficam embriagados. Os cafres chamam a este fructo *makano*. Basta uma duzia para embebedar um homem. Quando o elephante encontra esta arvore em sua passagem, carregada de fructo, abate-a com a tromba. Alguns dias depois, os fructos amadurecem e fermentam, e o elephante volta a devoral-os. Infeliz o homem que em quanto o animal assim se regala tem a desgraça de passar longe que seja comtanto que o vento leve ao elephante as emanções como signal da sua aproximação: ainda que a distancia seja de seiscentos passos é perseguido com encarniçamento; porque o elephante persegue-o com furor duplicado pela embriaguez. Só resta ao desgraçado evital-o por entre as arvores dando volta para ficar contra o vento, ou subir a qualquer monte escarpado se a fortuna ali lhe depara algum.

Se o elephante macho persegue assim o homem por causa da embriaguez, não menos terrivel é a fema, quando á aproximação de alguém treme por seus filhos. Muitas vezes perseguem o caçador com tamanha tenacidade, que só param quando as balas lhes arrebatam a vida.

Quando um rebanho numeroso se vê obrigado a fugir; quando estes gigantes da criação se precipitam confusamente atravez dos troncos das arvores que quebram como se fossem canas, poderá julgar-se que no meio d'esta confusão os elephantes pequenos fiquem despedaçados. Não acontece assim: o instincto proveu á conservação da cria. O filho, que trota ordinariamente sobre as pisadas da mãe, colloca-se então por baixo do ventre d'ella, entre os quatro pilares que lhe servem de pernas, e com a sua pequenina tromba segura-se á tromba da progenitora, como a creança se agarra á mão da mãe. Podem então os elephantes chocar-se á vontade uns nos outros; podem chover-lhes as balas sobre os costados, que a cria estará em segurança em quanto a mãe tiver alento para se sustentar em pé.

**Um episodio da guerra de Alger.**

Foi no dia em que teve logar a terrivel carniceria de Al-on-Fiah, d'esse dia de sangue e de exterminio, em que uma tribu inteira pagava, com a sua aniquilação total, as violencias que havia commettido com manifesto desprezo do direito das gentes. Alguns arabes d'esta tribu de Al-on-Fiah, conta o capitão de caçadores a cavallo mr. L... pertencente ao exercito francez em Algeria, tinham roubado os enviados de outra tribu que eram nossos alliados, e que provavelmente os teriam tambem roubado a elles, por seu turno, se tivessem sido os mais fortes. Nós em virtude do direito *sagrado* do vencedor, mandámos dois esquadrões de caçadores a cavallo que passaram á espada quantos arabes encontraram da tribu aggressora; e quando os nossos se acharam cansados de matar e derramar sangue, fizeram prisioneiros os poucos que encontraram, e voltaram para Alger carregados com os valiosos despojos dos aggressores. Brenno bem o disse: *Vae victis!* Verdade é que Brenno era um barbaro, e que nós outros filhos da grande nação, que pretendemos ser eminentemente civilizados, e até n'estas circumstancias nos inculcamos como civilisadores, seguimos o axioma de Brenno, *Vae victis*. Porém que remedio, senão seguir este axioma da guerra, que é tão exacto como est'outro em geometria—que de um ponto dado a outro ponto, a linha recta é o caminho mais curto.

Era pois, como disse, n'esse dia de horrivel carniceria: os dois esquadrões voltavam pacificamente para os seus quartéis d'Alger, deixando apoz de si montões de cadaveres arabes, e apenas um só dos nossos que pagara com a vida a sua temeridade. Voltavamos atravez d'essas extensas planicies, tão bellas para a cultura, tão proprias para se tor-

narem thesouros inesgotaveis nas mãos do homem laborioso. Os pés dos cavallos esmagavam as plantas aromaticas que cobrem a terra, e um cheiro balsamico se levantava em torno dos esquadrões, como se porventura se tivesse querido por previsão preparar perfumes para festejar os vencedores, não para lhes honrar o triumpho, que mal merecia este festejo, mas sim para afastar dos nossos bravos soldados o sentir do crime que acabavam de commetter, e o cheiro do sangue de que vinham manchados. Reinava o mais profundo silencio entre as fileiras, e apenas se ouviam ao longe os gritos do chakal, semelhantes aos gemidos de uma creança que chora, e o zumbido dos insectos, unicos habitadores d'essas extensas solidões.

De repente um dos officiaes pára. Ouviu um gemido: julga que fôra illusão sua, porque em redor de si nada via, tudo parece deserto! Todavia escuta, e d'esta vez não entra em duvida. Um gemido abafado, que toca no coração, vem ferir-lhe os ouvidos, e apesar do manto da noite se estender pela planicie, encaminha o cavallo para o logar d'onde parte o gemido. Fizera apenas dez passos quando de subito o cavallo estaca, e, levantando-se ao ar, recusa adiantar-se, e rincha como se divisara objecto que o assusta.

— Hei de ver o que é, diz o official, pondo pé em terra.

O excellente animal tinha razão para não querer avançar, porque a curta distancia se achava estendido no chão um homem, que em espasmos convulsivos mordida a terra, inundada por poças de sangue humano.

— Meu capitão, brada para mim o official, este homem ainda não está morto.

Apeio-me, verifico o que diz o official, e grito á minha gente:

— Sargento, aqui já dois soldados.

Estes chegam ao galope.

— Amigos, lhes digo eu, eis ali um homem moribundo, mas talvez soccorrendo-o ainda seja possivel salvá-lo. Camarada, prosigo dirigindo-me a um dos soldados, pé em terra, procuremos se é possivel salvar este infeliz. Ponde-o sobre o vosso cavallo, que nós vos ajudaremos.

O caçador obedeceu com má catadura; era um alemão, que passou a examinar o ferido, parecendo-lhe pouco agradável ceder o seu cavallo. Quando se começava a levantar o ferido, aproximei-me, e então voltando-se o alemão para mim, disse:

— Meu capitão, olhe que o ferido é um beduino.

Lancei-lhe um olhar severo que o fez calar, dando-lhe a entender quanto me ferira a sua atroz observação, e mandei que procurassem levantar o moribundo, para o levarmos. Este achava-se completamente nũ, e estava muito ferido; sobretudo no lado direito tinha um rasgão de mais de tres polegadas; apesar do muito sangue que perdera vivia ainda; estancou-se o sangue conforme foi possivel, e posto a pé perpendicularmente abriu os olhos, e olhou em redor de si com ar inquieto como quem procurava alguma cousa, ou alguém. Pensei então que o ferido procurava os seus companheiros, e puz-me a olhar para todos os lados. Depois de dar alguns passos vi estendido entre a relva um cavallo morto. Esta descoberta explicou-me o que eu até então não podia comprehender, o achado d'este homem ferido e encontrado a tão grande distancia de qualquer habitação. Presumi que este homem pertencia á tribu de Al-on-Fiah, que querendo escapar a uma morte certa, fugira montando no primeiro cavallo que encontrara, e que o pobre animal ferido mortalmente como elle proprio, o levava até ao sitio onde foi encontrado, e ali caíram extenuados um e outro. Assim me parecia ter acontecido, e quando me achava absorto n'estas reflexões, ouvi os dois caçadores exclamarem:

— Capitão, não é um beduino, é um alemão!

Fiquei admirado, como se pode presumir, de ouvir semelhante asserção; e pedindo aos dois caçadores m'a explicassem, nenhum d'elles soube esclarecer-me, teimando comtudo em affirmar que era alemão. A este tempo o ferido teve novo deliquio, e tornando a si foi posto sobre o cavallo do caçador, e ajudado pelos dois foi conduzido ao hospital de Baba-Zoun, onde graças á pericia do seu facultativo director em poucas semanas ficou curado.



A medida que ia convalescendo fui visitá-lo, e logo que o encontrei em estado de poder responder ás minhas perguntas, tratei de o interrogar na lingua alemã, que eu possuo, por ter servido na Alemanha, e tel-a então aprendido. O ferido, ouvindo ás minhas perguntas, olhava para mim com certo terror, parecendo-lhe que a minha voz ia pronunciar sobre a sua cabeça o anathema do ceo. Tendo procurado tranquilisá-lo, fui gradualmente ganhando a sua confiança, e consegui me responder a algumas perguntas.

Vendo-o um dia mais disposto a condescender com os meus desejos, quiz me contasse a sua vida, e então annui, se bem que com repugnancia, nos seguintes termos:

— Para que quereis sabel-a? Deixae-me guardar o meu segredo, e que eu morra em paz. Acaso não serão bastantes estas feridas do meu corpo,

(mostrando-me os apperellos que ainda tinha); quereis agora abrir de novo as da minha alma? Deixae-me morrer em paz; ao menos são terei que dar contás da minha vida passada senão a Deus.

Estas palavras extraordinarias redobraram a minha curiosidade. Cobrae animo, não haveis de morrer, lhe repliquei eu; e se como dizeis, os vossos pesares foram grandes, procurae suavisal-os depositando-os no peito de quem sabe sympathisar com elles. O convalescente suspirou, pareceu hesitar; depois, passados alguns momentos, mostrou querer recordar-se dos seus tempos passados, e como homem que cede com violencia ao que d'elle se exige, sentou-se na cama, e pegando-me na mão, disse:

— Já que assim o exigis, ouvi-me pois. Nasci em 1793 em Brunau, cidade pequena na fronteira da Austria; meu pae tinha exercido cargos importantes na administração imperial. Calarei o nome de minha familia, porque sem duvida vos é conhecida.

Nos meus verdes annos, mal sai da universidade, comecei desde logo a ter uma vida devassa. A herança que meu pae me legara foi desbaratada em poucos annos: contrahi dividas consideraveis que foram pagas por minha mãe, e a reduziram á miseria. Tantas lições de pesada experiencia não produziram emenda no meu character; continuei na minha carreira dissoluta, e os desgostos que causei á minha infeliz mãe breve a conduziram á sepultura.

Tinha então vinte annos. A perda de minha mãe, que me causou muita dôr, pareceu influir no meu character. Um amigo intimo de minha familia, que era conselheiro aulico, acreditou na solidez do meu arrependimento, e chamou-me a Vienna, onde me empregou junto a si, tratando-me mais como se eu fóra seu filho, do que como seu secretario. Comia á sua mesa; frequentava a sociedade das pessoas da sua amisade; e a tal ponto levava a sua sollicitude paternal, que chegou a procurar-me um casamento mui vantajoso. A sorte porém, ou antes o inferno, havia decidido do meu negro futuro.

O casamento estava contractado, e na vespera do dia em que se deviam assignar as escripturas, quiz

o meu mau fado que encontrasse na opera um dos meus antigos companheiros de devassidão. O meu arrependimento era pouco sincero para poder resistir á seducção dos seus convites. Arrastou-me de novo, sem grande esforço, para a senda desvairada e infame, de que eu me havia afastado por algum tempo. Elle tinha dinheiro, e então cuidámos só em o gastar alegremente; e sem me importar com o casamento, foi com a maior indifferença que ouvi da bocca do meu protector, quando me chamou ao seu gabinete, a noticia de que se achava desfeito o ajuste.

Continua.

#### Obituario.

— Mr. F. Kuhnstedt, celebre compositor de

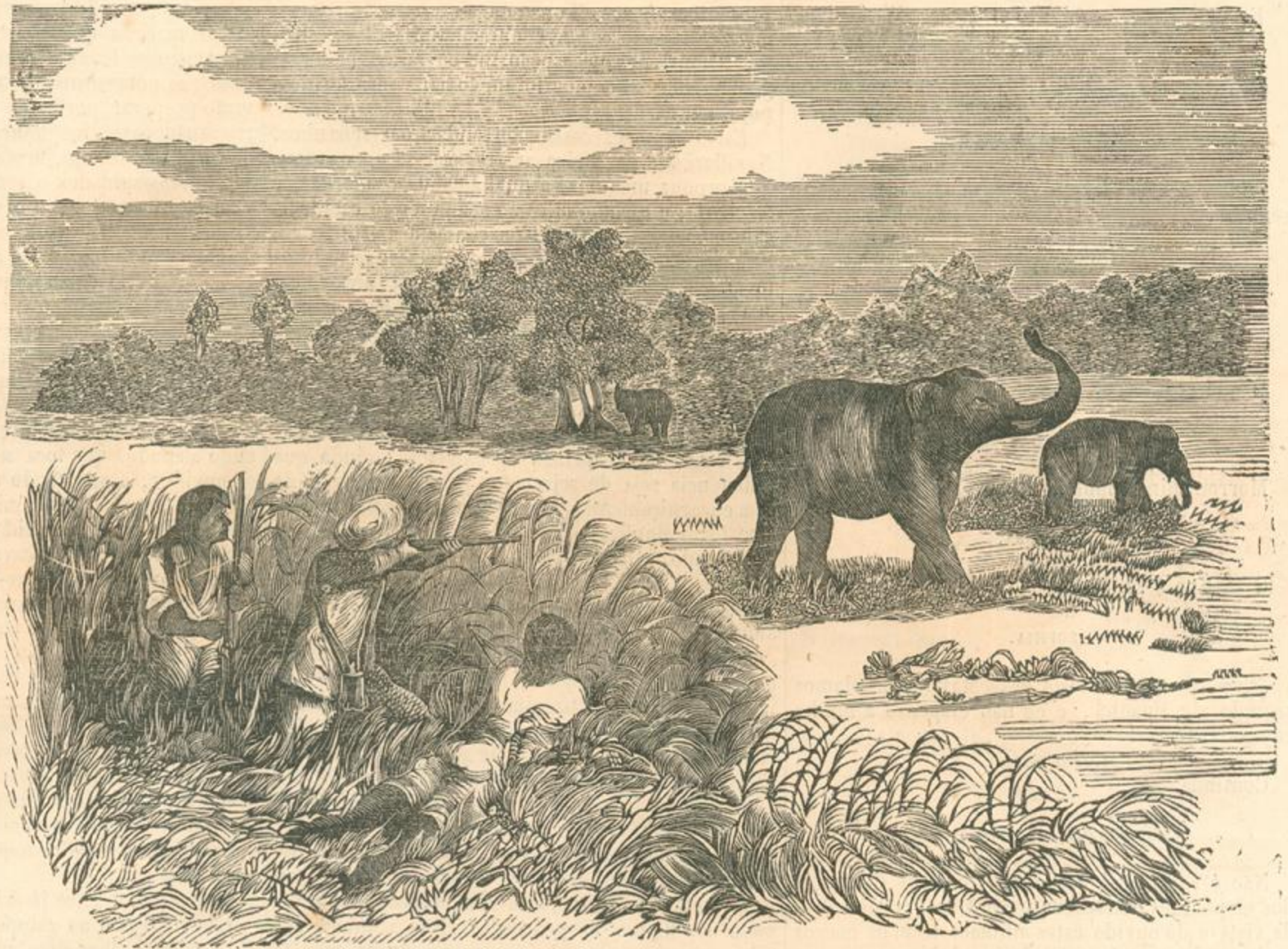
musica sacra, falleceu em Weimar, na Saxonia. — Acaba de morrer em Orny, cantão do Vaud (Suissa) na idade de noventa annos, Carlos Pavilhão, o ultimo que ainda restava da guarda de Luiz XVI, escapo á matança de 1792.

— Finou-se em Strasburgo mr. Chretien Maurice Engelhart, autor de muitas obras de archeologia e historia natural escriptas em alemão.

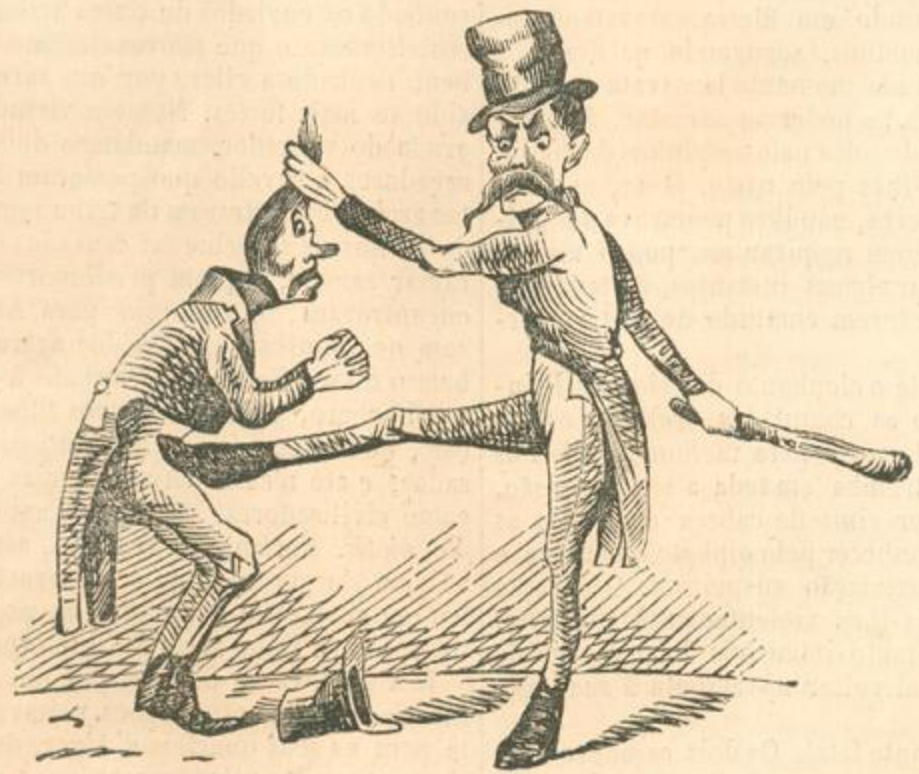
— Falleceu em Turim o general Melliet d'Arvillard, antigo commandante da brigada de granadeiros da guarda real piemonteza, e ajudante de campo do rei Carlos Alberto.

— O arcebispo metropolitano Philarete, que ultimamente assistiu á coroação do actual imperador da Russia, acaba de se finar em Kew.

— Morreu na idade de 65 annos, em Londres, o contra-almirante Pryse Campbell.



Caçada aos elephantes.



Ira.